

UMA ELEIÇÃO MAIS DISPUTADA

Marcos Coimbra

Dos dados sobre o Distrito Federal hoje publicados e que integram a primeira rodada de pesquisas estaduais do projeto Diários Associados/Vox Populi, emergem dois resultados que merecem comentário.

O primeiro é relativo às eleições presidenciais e diz respeito à particularidade de ser o Distrito Federal o único estado em que elas não se mostram fortemente bi-polarizadas, com Fernando Henrique Cardoso na frente e Lula atrás. Nos outros, nenhum dos demais candidatos ultrapassam os 10 pontos percentuais (exceto, é claro, nos seus Estados de origem: a Bahia para Antonio Carlos Magalhães, São Paulo para Maluf, o Maranhão para Sarney, o Ceará para Ciro Gomes, o Rio para Brizola).

No Distrito Federal, temos a mesma dupla na dianteira, mas tanto Itamar Franco, quanto Ciro Gomes e José Sarney alcançam níveis superiores a 10 ou até 15%. A rigor, é no Distrito Federal que os três — Itamar, Ciro e Sarney — têm seu melhor desempenho fora de casa.

Assim, se dependesse do Distrito Federal, a eleição presidencial de 98 seria mais competitiva, muito dificilmente se definindo no primeiro turno. Iríamos para o segundo, para uma provável vitória de Fernando Henrique Cardoso, no entanto, o que sugere que, apesar de suas particularidades, pelo menos por agora, o Distrito Federal não é tão diferente do restante do Brasil.

No plano das eleições locais, temos no Distrito Federal dois dos candidatos com maior intenção de voto em todo o país: Joaquim Roriz como candidato ao Governo e Luis Estevão como candidato ao Senado. É óbvio que a eleição está distante e que muita coisa pode mudar, mas que é forte a largada dos dois, hinguém duvida. Quem mostra um desempenho crescente é o governador Cristovam Buarque. De uma situação em que muitos achavam que ele sequer deveria tentar sua reeleição, Cristovam está revelando possuir mais fôlego que o imaginado. Hoje, quem tem que se cuidar, é o senador José Roberto Arruda.

O eleitor do Distrito Federal já mostrou que prognósticos feitos muito antes da hora são temerários. Nada indica que a eleição de 98 será, nesse ponto, distinta.

■ Marcos Coimbra é diretor do Instituto Vox Populi.